

PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Monday 19 May 2003 (morning)
Lundi 19 mai 2003 (matin)
Lunes 19 de mayo de 2003 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d'y être autorisé.
- Rédiger un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de um dos textos seguintes:

1. (a)

Canto Grande

Não tenho mais canções de amor.
Joguei tudo pela janela.
Em companhia da linguagem
fiquei, e o mundo se elucida.

5 Do mar guardei a melhor onda
que é menos móvel que o amor.
E, da vida, guardei a dor
de todos os que estão sofrendo.

10 Sou um homem que perdeu tudo
mas criou a realidade,
fogueira de imagens, depósito
de coisas que jamais explodem.

15 De tudo quero o essencial:
o aqueduto de uma cidade,
rodovia do litoral,
o refluxo de uma palavra.

Aqui estou. Minha canção
enfrenta o inverno, é de concreto.

20 Meu coração está batendo
sua canção de amor maior.
Bate por toda a humanidade,
em verdade não estou só:

25 Posso agora comunicar-me
e sei que o mundo é muito grande.
Pela mão levam-me as palavras
A geografias absolutas.

Lêdo Ivo (Brasil),
Poesia Brasileira do séc. XX – dos modernistas à actualidade (2002)

1. (b)

E o vento suão avançava sobre uma seara e, à sua passagem, as espigas de trigo mirravam, subitamente secas, subitamente velhas, por ser aquela brisa lenta um inferno espesso que era toda a atmosfera e que todas as coisas que respiram eram forçadas a respirar, porque aquela brisa sólida e tórrida era a única coisa que as envolvia. E o vento suão era o horizonte a avançar lento e inevitável. Inevitável.

(...) Ao fundo, distinguia-se José na sombra do sobreiro grande, e distinguiam-se as ovelhas, à sombra, encolhidas em montes de muitos corpos encolhidos. O vento suão avançava dentro da luz e sobre a terra. José e as ovelhas aproximavam-se mais e mais. E o vento suão passou por José e pelas ovelhas e pelo sobreiro grande e pelos outros sobreiros. Dentro do vento suão, os olhares permaneceram, a pele crestada, o sangue a ferver.

Conheço esta quietude. Conheço esta tarde. As ovelhas debaixo dos sobreiros como mortas. A cadela deitada ao pé de mim. As ervas miúdas a vergarem-se numa aragem fraca. O céu de encontro à terra, a terra a reflectir o vagar do céu, o céu a reflectir o vagar da terra. Conheço esta tarde, porque a vivi muitas vezes, porque muitas vezes escutei esta quietude e esta certeza serena. Penso: talvez haja uma luz dentro dos homens, talvez uma claridade, talvez os homens não sejam feitos de escuridão, talvez as certezas sejam uma aragem dentro dos homens e talvez os homens sejam as certezas que possuem.

Um ardor no lugar do coração afiança-me que vem aí. Caminha nesta direcção. Sinto no meu corpo o seu corpo a caminhar, os seus passos, nem lentos, nem rápidos. Sinto no meu corpo as suas ideias simples e as suas intenções sinceras. Sinto no meu rosto a sua expressão de homem e criança, de criança tornada homem por leis apressadas. Vem aí. E, quando a tarde for mais branda e o calor principiar a desistir, chegará. Vindo da direcção do monte, chegará e, vendo-me, começará a correr, como corre uma criança com medo para os braços da mãe. E, como se nos abraçassemos, olhar-me-á com olhos sempre sinceros. Acreditará em mim. E partirá no sossego dos simples. Eu, com a tarde moribunda numa limpidez clara e quase nocturna, serei o tormento que sou, serei o desalinho das minhas dores e esperanças. E, aqui, sob este céu a tocar-me com o seu incêndio, agora, sei que assim será. Afiança-mo um ardor no lugar do coração.

José Luís Peixoto (Portugal), *Nenhum Olhar* (2000)